

SESMARIA DE PASSARINHOS:

A ZONA LESTE, O GRUPO URURAY E A DIMENSÃO
SOCIAL DO PATRIMÔNIO

MAURÍCIO DIAS DUARTE, GRUPO URURAY, SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL.

Pesquisador com ênfase nos patrimônios históricos da zona leste de São Paulo, historiador (Universidade Federal de São Paulo, 2014) e membro do Grupo Ururay.

LUCAS FLORÊNCIO COSTA, GRUPO URURAY, SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL.

Graduado em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com certificação em patrimônio pela mesma instituição. Integrante do Grupo Ururay e pesquisador do grupo Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica (Capph).

E-mail: lflorenciocosta@gmail.com

YASMIN DARVICHE, GRUPO URURAY, SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL.

Graduada em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP), dedica-se a pesquisas voltadas ao patrimônio cultural da cidade de São Paulo. Integrante do Grupo Ururay.

E-mail: yasmindarviche@gmail.com

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i24p194-205>

1 INTRODUÇÃO

Em setembro de 2017 foi inaugurada no Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (CPC-USP) a exposição “Sesmaria de Passarinhos”, realizada através da parceria entre o CPC, através do eixo “Referências Culturais e Memória”, coordenado pelo arquiteto e pesquisador Gabriel Fernandes, e o Grupo Ururay. A proposta surgiu como decorrência do trabalho realizado pelo coletivo no ano de 2016, denominado “Territórios de Ururay”. Nesse trabalho o grupo desenvolveu pesquisas reflexivas sobre 13 bens culturais da zona leste de São Paulo, resultando desse processo um livro, um documentário, e uma exposição denominada “Existências | Resistências”, apresentada no Centro Cultural da Penha entre novembro de 2016 e janeiro de 2017. De tal forma, considerando a atinência do tema desenvolvido pelo Ururay com as ações encaminhadas pelo CPC e ainda o processo de abertura da Casa de Dona Yayá à reflexões que vão além do patrimônio universitário, aproximando-se de temáticas pouco desenvolvidas anteriormente - como a aproximação da Casa com o bairro do Bixiga (distrito da Bela Vista) - foi proposto pelo CPC uma parceria com o Grupo Ururay, concretizada nesta exposição.

“Sesmaria de Passarinhos” apresenta uma série de fotografias produzidas durante as visitas que o grupo realizou em 2016 aos bens contemplados na pesquisa, além de mapas de localização destes exemplares. Na cerimônia

de abertura foi apresentado o documentário “Territórios de Ururay”, e realizada uma mesa de debate, intitulada “Memória, patrimônio e universidade”, da qual participaram a diretora do CPC, profa. dra. Monica Junqueira de Camargo, Gabriel Fernandes, especialista do CPC, Lucas Florêncio Costa, historiador e pesquisador do Grupo Ururay e a profa. dra. Valéria Barbosa de Magalhães, docente da EACH-USP. A mesa refletiu diversos modos de se encarar a questão do patrimônio e da memória em territórios de dinâmica destoante das centralidades contemporâneas; focando na zona leste as falas apontaram à urgência de se pensar ações e projetos culturais que considerem as diversas possibilidades de leitura do patrimônio cultural.

2 “TERRITÓRIOS DE URURAY”, O PROJETO

Desde a criação do coletivo, em fins de 2014, as(os) integrantes do Grupo Ururay¹ perceberam a necessidade de se formularem análises sobre o patrimônio cultural da zona leste de São Paulo que fossem além do recorrente ímpeto descritivo-memorialístico que se via como regra. O caso era que inúmeras obras já haviam sido escritas sobre o território no qual o grupo visava atuar, mas a profundidade das investigações e o modo como o passado (e seus referenciais materiais) foi abordado eram pontos de enfrentamento e debate no grupo, já que significavam limites e fronteiras de entendimento que embasavam, e ainda hoje embasam, a forma como a memória e o patrimônio da zona leste eram articulados.

A partir dessa percepção, o Grupo Ururay desenvolveu uma ampla pesquisa sobre um conjunto de bens (ainda que bens culturais exteriores a esta seleção tenham sido considerados no projeto) da região em questão, foram eles: a Igreja Nossa Senhora do Carmo, a Casa do Chefe da Estação, o Casarão de Sabbado D’Angelo, a antiga Sede da Fazenda Família Morganti (atual Casa Raul Seixas), no bairro de Itaquera; a Capela de São Miguel Arcanjo, em São Miguel Paulista; as Ruínas do Sítio Mirim, em Ermelino Matarazzo;

1. O Grupo Ururay é um coletivo de indivíduos interessados na preservação do Patrimônio Cultural da região Leste de São Paulo. Independente, sem fins lucrativos e sem vinculação com instituição privada, pública ou religiosa o Grupo tem como objetivos: o fortalecimento de ações que objetivem a preservação, a apropriação e, conseqüentemente, a valorização dos Patrimônios na região Leste de São Paulo, a articulação de todos os agentes sociais (sociedade civil, órgãos de proteção do patrimônio, escolas, pesquisadores, coletivos) envolvidos, direta e indiretamente, no processo de preservação e utilização dos Patrimônios Culturais.

FIGURA 1

Registro de um dos momentos de gravação na Igreja Nossa Sr^a do Carmo em visita técnica à região de Itaquera, em 2016. Foto: Thabata Arruda



a Fazenda Biacica (ou Chácara dos Fontouras), no bairro do Itaim Paulista; Escola Estadual Nossa Senhora da Penha, Escola Estadual Santos Dumont, Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha e São Benedito, no bairro da Penha; Casa do Sítio Tatuapé, no Tatuapé; a Vila Maria Zélia, no bairro do Belém; e Casa do Sítio Capão, no Jardim Anália Franco.

Durante o processo a equipe multidisciplinar de pesquisadoras(es) visitou os bens culturais selecionados. A condução dessas visitas proporcionou ao grupo uma importante aproximação com os contextos urbanos nos quais esses bens culturais estão inseridos, possibilitando um entendimento mais contextualizado da questão preservacionista no território. Isso possibilitou uma visão ampliada do patrimônio - em que os parâmetros e formas de percepção e compreensão dos bens culturais pelas comunidades, os usos contemporâneos dos edifícios tombados em relação aos contextos locais e o diálogo entre recursos materiais e imateriais no desenvolvimento de ações de valorização do patrimônio tornaram-se questões conjugadas àquelas previamente consideradas nos debates sobre o assunto, em linhas gerais, sobre conservação, restauração e proteção.

FIGURA 2

Registro painel
“Cidade - Cultura -
Ocupações”, organi-
zado pelo Ururay em
junho de 2016. Foto:
Diógenes Sousa.



Além do esforço investigativo o processo trouxe ao Ururay o desafio de pensar a articulação social a partir do campo da cultura, aspecto fundamental para o prosseguimento das ações do coletivo. Tal aspecto passou a fundamentar a ação do grupo de modo a formatar uma atuação vinculada com a teorização que o grupo ambicionava. Em outros termos, percebeu-se que era essencial contatar diversos coletivos culturais que já atuavam na região e que, de alguma forma, operavam dados da memória e da história em suas atividades, nas mais diversas expressões das culturas e artes. Esse esforço se expandiu e direcionou o Ururay a uma atuação que buscou mais articular e pesquisar o território do que simplesmente encaminhar um estudo científico distante e exógeno aos processos que se encaminhavam ali. Assim, foram estabelecidas diversas parcerias com grupos e profissionais atuantes na região - parcerias e articulações que estão expressas nos materiais resultantes do projeto.

3 “SESMARIA DE PASSARINHOS”, CAMINHOS PARA A EXPOSIÇÃO
O projeto “Sesmaria de Passarinhos” foi desenhado a partir de uma parceria entre o CPC e o Grupo Ururay, iniciada em dezembro de 2016. Esta articulação visou à valorização e reconhecimento de uma região da cidade que pouco se vê representada em equipamentos culturais da cidade, seja pelo pequeno número de exposições e roteiros de turismo cultural lá realizados ou pela escassa programação cultural relacionada nos espaços culturais estruturais da cidade.

Assim, o caminho reflexivo que direcionou a produção da exposição teve o objetivo de apresentar a região dentro da multiplicidade de histórias, heranças culturais e memórias - esta última, materializada a partir de produções relacionadas à memória (de livros de memorialistas à produção de alguns coletivos culturais). Outro aspecto que fundamentou a organização da exposição foi o reconhecimento da experiência de outros grupos sociais que não aqueles vinculados ao poder: os aspectos das tradições indígenas e afro-brasileiras presentes no(s) território(s), a trajetória dos grupos migrantes (nacionais e estrangeiros, de diversas temporalidades) e a importância das expressões culturais atribuídas a grupos não hegemônicos foram considerados nesse contexto.

A exposição contempla mapas históricos da região, um mapa atual de localização dos bens referenciados e fotografias produzidas durante as visitas aos bens, realizadas por Douglas de Campos e Vanderson Satiro. Em um dos ambientes foi contemplada a exibição do trailer do documentário “Territórios de Ururay”, produzido pela Sem Cortes Filmes. A expografia foi organizada nos espaços da varanda fechada e da Sala Rosa da Casa de Dona Yayá, de modo que os registros fotográficos foram selecionados de forma a expressar as condições de existência atual dos patrimônios, enfocando sua relação com o entorno, uso e estado de conservação. Numa vitrine, o projeto expográfico optou por dar espaço à produção relacionada à zona leste, utilizando uma seleção de jornais, livros e outras publicações para expor, assim, representações do território em questão (Figura 3).

FIGURA 3

Parte da exposição na Sala Rosa da Casa de Dona Yayá. Foto: Douglas de Campos.



4 ITINERÁRIOS URBANOS

Em paralelo à exposição foram organizados três itinerários urbanos pela zona leste, ocorridos entre os meses de setembro e novembro de 2017. A realização desses itinerários veio a dialogar com uma prática já comum à atuação do grupo, que desde sua criação vem exercitando o “caminhar pela cidade” enquanto ação formadora para o patrimônio. Para o grupo, o encaminhamento de visitas a determinadas áreas e bairros apresentou várias potencialidades e dilemas, dos quais destacamos: [a] o enfrentamento do desafio “de caminhar” numa cidade que, historicamente, privilegiou uma noção de mobilidade motorizada e individualista e que se traduz num exercício fundamental para compreender quanto a estrutura material da cidade é explicada por essas “escolhas” pretéritas; [b] a fluência e fruição no espaço urbano, numa escala pessoal e corpórea (é a “cidade ao nível dos olhos”, para usarmos a feliz expressão que vem sendo empregada no debate sobre *plinth*), que leva à uma considerável aproximação das(os) caminhantes com o lugar do patrimônio nessa estrutura, já que privilegia uma relação corpo e cidade que, na maioria das vezes, é inviável no cotidiano do público atingido pelas ações do coletivo; e, por fim, [c] o reconhecimento tanto das potencialidades que a reunião de pesquisadoras(es) e interessadas(os) na questão patrimonial pode fornecer, quanto os desafios do debate público junto a determinadas autoridades, grupos e lideranças a respeito dos espaços instituintes de memória e promoção cultural na cidade.

Nesse sentido, os “itinerários urbanos” realizados em conjunto ao CPC vieram confirmar as possibilidades de reflexão que o caminhar pela cidade em seu espaço público comportam, fortalecendo assim um exercício que, como vimos, já era prática comum tanto ao CPC quanto ao Grupo Ururay. Dessa forma, os itinerários urbanos, enquanto experiência urbana, foram organizados como uma programação paralela à exposição em cartaz. O primeiro deles foi realizado no bairro da Penha, o segundo em São Miguel Paulista e o terceiro no bairro de Itaquera. Os percursos foram mediados por integrantes do Grupo Ururay e destinados ao público interessado em geral, que se inscreveu previamente na atividade.

Assim, na tentativa de superar a “recorrente forma” de visita turística guiada aos patrimônios edificados o grupo, ao conduzir os itinerários urbanos, propôs reflexões críticas em torno da história, da memória e da

preservação desses bens apresentando outras narrativas possíveis para os patrimônios e espaços visitados. Dessa forma, o Ururay, além de sinalizar a importância simbólica (histórica, arquitetônica e afins), busca pensar a existência dessas estruturas nos dias atuais, articulando as variadas memórias e narrativas existentes - os apontamentos do antropólogo argentino Nestor García Canclini sobre os usos sociais do patrimônio foram essenciais nesta e em outras questões. Nesse sentido, inseridos dentro da proposta do grupo, a aproximação crítica a estes bens culturais pode também ser entendida como uma prática patrimonial, um meio de sensibilizar as pessoas da importância destes exemplares, e do poder que a sociedade civil pode e deve ter na defesa do patrimônio da cidade.

O itinerário pelo bairro da Penha passou pelos três bens tombados como patrimônio pelos órgãos competentes: a Escola Estadual Santos Dumont, a Escola Estadual Nossa Sr^a da Penha e a Igreja de Nossa Sr^a do Rosário dos Homens Pretos da Penha e São Benedito. Nesse itinerário, o grupo de participantes explorou o território a partir dos patrimônios ali existentes sem perder de vista outras nuances da paisagem cultural do bairro. A própria caracterização dos bens (duas escolas distintas em temporalidade e estilos/programas arquitetônicos e um templo católico vinculado à presença negra na Penha) demonstra, em certa medida, como as representações do patrimônio cultural naquele bairro estão atravessadas por certa amplitude histórica-cultural.

No caso de São Miguel Paulista, a visita à Capela de São Miguel Arcanjo buscou discutir as narrativas construídas sobre a história do bairro, da capela e da praça onde ela está inserida, chamando atenção para ações que têm contribuído para a monumentalização do edifício da capela e seu distanciamento do cotidiano do bairro. Nesse sentido, a organização do trajeto foi pensada de forma a permitir que as(os) participantes pudessem, a partir de um olhar crítico, ir além de uma aproximação informativa do bem - na qual uma seleta de informações sobre o espaço é comunicada aos(as) participantes, sem preocupação de processá-las criticamente e em conjunto -, chegando mesmo a refletir sobre como aquele espaço é atravessado por diversos sentidos: do projeto expográfico que a capela contempla ao cercamento físico no qual ela está encerrada. Foi realizada uma conversa inicial, em que (as)os integrantes do Grupo Ururay apresentaram a proposta

do passeio e introduziram, em linhas gerais, a história da capela e do bairro. Posteriormente, adentrando a capela, foram percorridos os espaços expositivos de forma guiada - contudo, toda a visita foi pensada de modo a permitir a discussão aberta das(os) participantes, o que possibilitou, desde o início do percurso, o desenvolvimento de reflexões sobre o território pelas(os) próprias(os) participantes. O ponto de encerramento do itinerário foi na praça onde se encontra a capela. Popularmente conhecida como Praça do Forró, a praça é uma espacialidade que encerra, em si, uma ampla gama de questões: observando a capela do lado de fora das grades que a circundam, as(os) participantes puderam desenvolver um processo de reflexão e leitura do bem, entendendo assim a experiência concreta da relação que o bem estabelece atualmente no contexto do bairro, através da percepção destes dois diferentes pontos de vista: o de dentro e o de fora.

Neste percurso tivemos a experiência da presença de um cadeirante a integrar o grupo de visitantes. Isso trouxe ao roteiro novas possibilidades de leitura e percepção do espaço, já que o percurso do participante por todos os espaços da capela não foi possível, pois o trecho pelos corredores estreitos atrás do altar não era contemplado com mecanismos que assegurassem a plena acessibilidade. Esta situação nos alertou para as dificuldades que pessoas com deficiência têm para realizar este percurso, além de nos lembrar da urgente necessidade de garantir que todos os caminhos propostos pelo grupo sejam acessíveis universalmente.

FIGURA 4

Integrantes do Grupo Ururay em visita à Capela de São Miguel Arcanjo, em 2017. Foto: Alice da Silva Salvador.





FIGURA 5

Edificação do início do século XX, ao lado da estação Dom Bosco. Foto: Maurício Dias.

A saída por Itaquera se iniciou na Estação Dom Bosco (cujo projeto de construção é de autoria de João Walter Toscano e Odiléa Helena Toscano), estrutura urbana que, mesmo não sendo reconhecida como patrimônio, está presente no imaginário da população local como um importante referencial.

Da estação, o grupo de participantes seguiu pela Rua Sabbado D'Angelo, dirigindo-se ao casarão de veraneio do industrial ítalo-brasileiro que dá nome à via. Lá, uma vez que o acesso ao bem é inviável por complicações com a proprietária do imóvel, o grupo explorou questões relativas ao diálogo do patrimônio com seu entorno. A singularidade do casarão em meio à paisagem do bairro surge como possibilidade de provocação do olhar e da sensibilidade urbana. O percurso seguiu com uma passagem pela Casa do Chefe (único remanescente material da estrutura ferroviária do bairro, cuja estação foi demolida em 2004), onde, em teoria, deveria estar em funcionamento um centro de memória para o bairro e região. O último espaço a ser visitado pelo grupo foi a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde o grupo foi recebido pelo zelador e sacristão Sergio Toccacelli (a quem despendemos os mais sinceros agradecimentos). No templo católico, com características do neogótico, o itinerário se encerrou com uma conversa do grupo, na qual as(os) participantes encaminharam perguntas e reflexões sobre o roteiro como um todo, refletindo como o processo da caminhada as(os) trouxe outra percepção sobre o território explorado.

5 CONSIDERAÇÕES

A bibliografia a respeito do caminhar pelas cidades contemporâneas e também sobre a relação entre corpo e cidade, considerada em sua estrutura urbana, vem aumentando nos últimos anos. Modelos de desenvolvimento urbano sustentável, a valorização de meios de transporte não motorizados e de práticas culturais que assegurem o uso do espaço público são questões que vêm ganhando a adesão de diversos coletivos e grupos nas grandes cidades. A urgência de se pensar uma forma urbana mais próxima às necessidades das(os) moradoras(es) dessas cidades tem animado pesquisadoras(es), artistas, órgãos e instituições a refletirem sobre tais aspectos.² Neste relato, nosso intuito não foi, nem poderia ser, contemplar um debate sobre tais questões de modo a desenvolver uma discussão conceitual e/ou bibliográfica; mas sim refletir sobre o processo/experiência do coletivo, de modo a sugerir a relação entre nossas práticas e as questões que estão sendo processadas em diversos espaços.

A itinerância pela cidade não só possibilita a aproximação das(os) participantes com os patrimônios, mas também o desenvolvimento de impressões e sentidos sobre este, o que significa dizer que a realização de ações como saídas e roteiros configuram uma prática viável de divulgação, reflexão e valorização do patrimônio. Ações estas que acreditamos serem um caminho para se pensar a preservação destes exemplares a partir da consideração de sua inserção na vida e cotidiano dos bairros.

A aproximação entre o CPC e Grupo Ururay revela a importância do estabelecimento de parcerias entre instituições e coletivos para o florescimento de processos culturais mais articulados e participativos, assegurando uma atuação mais diversa sobre o patrimônio da cidade - pensado não como um objeto que tenha significância em si, mas a partir de suas inúmeras relações com o território, com as pessoas e comunidades e com as narrativas que o atravessam. De tal forma, muito mais do que respostas o processo desenvolvido nesta parceria trouxe muitas indagações para o grupo.

2. Vários são os projetos que tem pensado a cidade de modo crítico e com olhar renovado. Destacamos, pela singularidade e importância o projeto “Cidade dos afetos”, que objetiva “retratar as particularidades da experiência feminina em São Paulo” de modo a pensar possibilidades de transformação da realidade urbana. Disponível em: <<http://mulheresacidade.com.br/>>. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

O compartilhar delas é, em nosso entendimento, essencial para o prosseguimento do debate:

- o que significa preservar estes patrimônios em relação à realidade urbana que os circunda?
- como articular ações de salvaguarda assegurando o uso social do bem?
- como considerar/avaliar a experiência das pessoas em relação aos bens visitados?
- em que medida as a projeção de roteiros de visitação está possibilitada nestes territórios? A condução de novos itinerários é viável?
- como encaminhar ações de valorização do patrimônio considerando a inexistência de vontade política de determinadas lideranças à frente desses territórios?

São nas dúvidas, nos questionamentos, e não nas certezas que construímos novos sentidos, que alcançamos novos entendimentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patrícia Freire de (org.). Territórios de Ururay. São Paulo: Movimento Cultural da Penha, 2016.

CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária nacional. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 23. Rio de Janeiro, 1990.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAZIGI, Eduardo. Turismo: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 88-99.

_____. Patrimônio ambiental urbano: do lugar comum ao lugar de todos. CJ Arquitetura, v. 19, p. 45-46, 1978